



A NATAÇÃO FEMININA GOIANIENSE NA DÉCADA DE 1970: MEMÓRIAS, MITOS E MAIÔS

Rosângela Campos
FAV/UFG

Rita Moraes de Andrade
FAV/UFG

Resumo

Este artigo revela o cenário da natação feminina goianiense durante a década de 70, por meio da narrativa oral de duas atletas Alexandra Maia e Zulma Batata. A falta de apoio da família, mitos em torno do corpo da nadadora, falta de materiais e de uma piscina olímpica, conflitos de gênero foram algumas das dificuldades enfrentadas pelas nadadoras. Quanto aos maiôs, estes foram analisados em sua modelagem, tecido, cores, acesso e moda, assim como, considerados fonte de memória e afetividade.

Palavras-chave: natação feminina, memórias e mãos.

Abstract

This article reveals the scene of goianiense female swimming during the 70's, through oral narrative two athletes Alexandra Maia and Zulma Batata. The lack of family support, myths surrounding the body of the swimmer, lack of materials and an Olympic pool were some of the difficulties faced by swimmers. Regarding garments, they were analyzed in their model, fabric and color, as well as the memory source considered and affectivity.

Keywords: female swimming, memories, clothing

274

1 Introdução

Antes da invenção da escrita as tradições, costumes e o cotidiano eram transmitidos por meio da oralidade, como ocorre até hoje em algumas sociedades. Com o letramento a história oral foi perdendo espaço para história oficial (história como ciência positiva), documentada e escrita, pautada nos grandes acontecimentos e com personagens sempre advindos de classes sociais mais elevadas (ARANTES, 1984).

Nas últimas décadas a história oral, mesmo que de forma insipiente, vem ampliando seu lugar nas produções acadêmicas, com a proposta de compreender e ressignificar o cotidiano e os sujeitos, permitindo, assim, o entendimento da estrutura social e da construção dos indivíduos enquanto sujeitos de sua própria ação.

Essa singularidade que a história oral oferece, associada à revisão bibliográfica e análise de fotografias, foi o método escolhido para compreender, descrever e analisar a natação feminina goianiense da década de 1970. Uma história ainda não contada, silenciada na memória dos atletas, técnicos, pais e outros. Selecionouse duas atletas da natação máster goiana que nadaram neste período: Alexandra Maia e Zulma Batata para serem entrevistadas. O roteiro da entrevista foi elaborado previamente pelos pesquisadores.



O recorte temporal se deve ao fato da década de 1970 ser considerada o início da natação em Goiânia, tendo três clubes de maior destaque o Clube Recreativo Cruzeiro do Sul, Jóquei Clube de Goiás e Clube Jaó. O artigo está dividido em duas sessões. Na primeira parte, um breve histórico da natação na década de 1970. Na segunda, será apresentada a análise do conteúdo da entrevista com as atletas, na qual foram discutidas. A entrevista incluiu duas temáticas: 1) compreensão do cenário da natação feminina em Goiânia considerando a mulher no contexto da natação competitiva, apoio familiar, condições de infraestrutura dos treinamentos, seus ídolos, participação em outras modalidades e provas que participavam. 2) Estudos dos maiôs, modelagem, tecido, percepção de conforto, acesso e moda.

Nesse sentido este estudo tem como pretensão o resgate da história da natação goianiense, a partir dos sujeitos que ajudaram a construir e fortalecer essa modalidade esportiva na cidade. As memórias das entrevistadas constituem um acervo oral que necessita ser captado e analisado enquanto documento para a compreensão e organização de um tempo passado que explica o desenvolvimento da natação goianiense.

2 A Natação para “Moças”

A partir da década de 1970 o corpo das nadadoras de alto nível passou por grandes transformações quando comparado às décadas anteriores, tornando-se mais masculino; devido ao treinamento intenso e ao uso de anabolizantes. Uma característica que perdura ao longo do tempo, justificada pelos especialistas como resultado de fatores genéticos, treinamento intenso e uso da tecnologia, de acordo com Neto (2008).

No mundo esportivo, a referida década foi marcada por indícios do uso de doping por atletas da Alemanha Oriental, em especial os nadadores. Atletas que nas Olimpíadas de 1972 não tiveram resultado expressivo venceram, na Olimpíada seguinte, em Montreal, 11 das 13 provas disputadas. Um aspecto que chamou a atenção em tal desempenho foi o corpo das nadadoras, que apresentavam um físico muito musculoso e masculino (COSTA, 2008).

Anos mais tarde, após a queda do muro de Berlim, um das principais nadadoras nos anos 1970, Kornélia Ender, revelou o uso de injeções e pílulas. Ela foi a primeira mulher a ganhar quatro medalhas de ouro em uma mesma edição dos Jogos Olímpicos.

No cenário nacional, destacaram-se, na década de 1970, Lucy Burle, nadadora do Botafogo, medalhista no Pan (?) de 1971; Maria Eliza Guimarães (Flamengo) recordista sul- Americana (por quase toda a década de 1970), e Rosemeyre Ribeiro, medalhista no Pan de 1975.

Neste período, as provas da natação feminina eram intituladas de natação para moças e os estilos tinham outros nomes, como por exemplo o nado peito (como é conhecido hoje); que naquele período era chamado de peito clássico. A figura 1, da programação do Campeonato de Brasília em 1974, realizada na piscina do Círculo Militar, apresenta essa nomenclatura, em cujo campeonato a atleta goianiense Alexandra Maia foi a campeã nos 100m Moças peito clássico.

Prova 100 m Moças Nado Livre	Prova 100 m Moças Nado Borboleta
1. Maria Montalvão AABR	1. Maria Margareth Neves MINAS
2. Fátima C. Pantuzzo CSUV/1	2. Claudia Casabral Vidal CSUV/1
3. Mary Sardinha MINAS	3. Nyrlian Dorélia Ferreira AABR
4. Tânia Maria Mattos AABR	4. Adriane Cecília G. Teles MINAS
5. Alexandra E. Maia MINAS	5. Fernanda Vieira Espindola CSUV/1
6. Regina Maria P. Grobe CSUV/1	6. Rosalide Cristina Noronha CSUV/1
7. Tânia Casabral Vidal CSUV/1	7. Nyrlian Dorélia Ferreira MINAS
8. Tânia Ayres da Silva MINAS	8. Nyrlian Dorélia Ferreira MINAS
9. Tânia Ayres da Silva MINAS	9. Nyrlian Dorélia Ferreira MINAS
Record: 18,2.73 Nyrlian Dorélia Ferreira	Record: 17,2.72 Nyrlian Dorélia Ferreira
Prova 200 m Homens Nado Livre	Prova 200 m Homens Nado Borboleta
1. Alberto Olival Neto MINAS	1. Agrício Penido Consene AABR
2. Bruno de Souza MINAS	2. Marcelo Almeida Lopes CSUV/1
3. Ruy Roberto Pacheco MINAS	3. Mauro Roriz dos Santos MINAS
4. Marcelo S. Coelho Netto AABR	4. Bruno de Souza MINAS
5. José Josar Felício AABR	5. José Gustavo Alvaranga AABR
6. Marcelo S. Crocco CSUV/1	6. Marcelo Dias dos Santos CSUV/1
7. Imalay John Irwin AABR	7. Paulo Cesar G. Vieira MINAS
8. Paulo Cirillo Vanzini AABR	8. Oswaldo West Duarte AABR
9. André André P. Frouze CSUV/1	9. Fernando Luiz T. Silva CSUV/1
Record: 19,1.74 José Josar Felício	Record: 7,12.73 José Gustavo Alvaranga
Prova 100 m Moças Nado de Costa	Prova 100 m Moças Peito Clássico
1. Aloia Karis Silveira AABR	1. Helene C. Magalhães AABR
2. Consuelo Vidal Oliveira MINAS	2. Regina Maria F. Greha CSUV/1
3. Maria Margareth Neves MINAS	3. Silviane B. Barbosa CSUV/1
4. Daniela Maria Mattos AABR	4. Denise Azeredo Clarmi AABR
5. Maria Margareth Neves MINAS	5. Alexandra E. Maia MINAS
6. Maria Margareth Neves CSUV/1	6. Marta Sara H. Vieira CSUV/1
7. Adriana Cecília G. Teles MINAS	7. Adriana Cecília G. Teles MINAS
8. Helena Penido Consene AABR	8. Hugo Kocakovic AABR
9. Kelly Ann Horwood CSUV/1	9. Consuelo Vidal Oliveira MINAS
Record: 20,1.74 Nyrlian Dorélia Ferreira	Record: 25,10.74 Alexandra E. Maia
Prova 200 m Homens Nado de Costa	Prova 200 m Homens Peito Clássico
1. Luiz Carlos Freitas AABR	1. Flávio José Machado MINAS
2. Paulo Cesar G. Vieira MINAS	2. Luciano Sabag MINAS
3. Rodrigo C. Azevedo CSUV/1	3. Joaquim Frederico Leão CSUV/1
4. José Augusto S. Andrade F. AABR	4. José Luis Pasini Costa AABR
5. Roberto Cirraldo Azevedo CSUV/1	5. José W. Alvaranga Neto AABR
6. Fernando Nunes Oliveira AABR	6. Milton José Machado MINAS
7. Paulo José Mendes Aquino CSUV/1	7. Alexandre Nogueira CSUV/1
8. Luciano Sabag MINAS	8. Paulo Cirillo Vanzini CSUV/1
9. Wilson Sales A. Sousa MINAS	9. José Augusto S. Andrade F. AABR
Record: 7,12.73 Fernando Nunes Oliveira	Record: 22,12.73 Frederico J. Silva Neto

Figura 1. Programa do Campeonato de Natação da Cidade de Brasília, 1974)

A atleta Alexandra Maia, faz parte do grupo de “moças” pioneiras da natação goianiense, juntamente com Zulma Ayres da Silva Rodrigues Batata, Margarete Veloso Naves, Adriana Cecília Teles e Usneire Batista Sardinha. Dessas “moças da natação”, Alexandra e Zulma, que atualmente nadam na categoria master, são os sujeitos deste estudo.

Alexandra começou a nadar em 1969 por influência de uma amiga, Adriana Cecília. Já Zulma começou a nadar no Rio Tocantins por influência do pai. e em 1970, quando se mudou para Goiânia passou a nadar no Clube Recreativo Cruzeiro do Sul.

“Eu aprendi a nadar com meu pai no Rio Tocantins. Ele me deixava a certa distancia da margem e me pedia para voltar. Depois que cheguei em Goiânia fui para natação porque eu gostava muito de ir ao clube, então era uma opção que a juventude tinha naquela época, opção de lazer (Zulma)”.



Alexandra foi recordista brasiliense do nado peito em 1974 e vice- campeã no nado livre e ficou em sexto lugar nos Jogos Brasileiros Estudantis (JEBs). Já Zulma ficou em quarto lugar no Centro- Oeste nos 800m livre em 1976 e terceiro lugar nos 200m nado livre, em uma Competição Inter Clubes em 1975. Ambas relataram que não havia muitas competições em Goiânia e que o JEBs, era uma espécie de campeonato brasileiro para os nadadores goianienses. As atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo já participavam dos campeonatos brasileiros específicos de natação, porém as nadadoras goianiense ficavam de fora dessas competições.

As duas atletas narraram que o contexto da época não era favorável a prática esportiva, em especial de mulheres. Goiânia era uma cidade nova em que os ventos da modernidade ainda sopravam suavemente. Já Rio de Janeiro e São Paulo, duas das principais cidades do país já tinham uma cultura esportiva, iniciada nos primórdios do Século XX. Conforme Melo (2001) esta cultura se instaurou com o projeto de modernização do Brasil, no qual o esporte era símbolo do estilo de vida aos que se intitulavam modernos.

“Não tinha incentivo para a natação em geral, faltava, informação. A cidade era uma cidade muito jovem, não tinha ainda influencia de rio e são Paulo. Os nadadores do Rio e são Paulo tinham mais incentivo, eram nadadores do Flamengo, tinham técnicos então eram bons nadadores, agente queria chegar lá, mas não chegava (Alexandra)”.

Neste período existiam vários mitos em torno da prática esportiva, que dificultavam o desenvolvimento da natação. Como por exemplo, a associação entre o gosto pelo esporte com a falta de interesse por estudos. “Quem fazia esporte naquela época era taxada de não gostar de estudar, não queria nada com nada, nem de estudar nem de trabalhar” relata Zulma.

Outro mito estava associado ao corpo específico da nadadora, que a partir da década de 70 tornou masculino pelo uso de anabolizantes e o treino intensivo, a exemplo da nadadora alemã Kornelia Endes citada anteriormente. Diante disso, com receio das filhas ficarem com aspecto masculinizado muitos pais não as incentivavam para a natação competitiva.

“Minha mãe era daquelas que escutava muito as amigas. Ah! sua filha tá ficando com ombro largo, masculinizado, ela proibia. Não podia viajar sozinho, era complicado... Foi justamente na época das nadadoras monstruosas, que minha mãe proibiu nadar, você só vai nadar três vezes por semana. Pra ver se diminuía estes braços meus, ombros meus, mas não adiantou... Eu fugia para treinar, era uma coisa horrosa!!! Meninas fugiam com namorado eu fugia para treinar. Não tinha apoio de pai e mãe (Alexandra)”.



Devide (2003) ao entrevistar nadadoras da década de 70, como Maria Eliza Guimarães, atleta do Flamengo e membro da equipe brasileira, também identificou receio das mães em permitir as filhas de participarem, devido a esta nova representação do corpo da nadadora. Conforme Elisa havia pressões por parte dos namorados e discriminação dos colegas da escola. E, por estes motivos, a natação de alta *performance* deixa de ser recomendado as mulheres.

Se por um lado os pais de Alexandra e Zulma tiveram o receio das mesmas ficarem com os corpos masculinizados, por outro, elas admiravam nadadoras com estes perfis. “Eu tinha um sonho de ficar com a estética das nadadoras alemãs. Eu achava demais, eu achava lindo!” afirmou Zulma. Já Alexandra narra que em “minha escola eu era a única que nadava e gostava de ser musculosa, e povo falava que eu estava virando homem, eu era marginalizada de certa forma por isso. Eu queria ficar com o corpo igual a grandes nadadoras da época!”

Quanto à inserção da mulher na natação na década de 1970, as atletas revelaram que faltava apoio e havia muito preconceito. Conforme Devide (2003) neste período a natação é um território majoritariamente masculino com pouca visibilidade à natação feminina, evidenciada pela falta de patrocínios, ausência de mulheres no comando esportivo, uso de *doping*, dificuldades em conciliar os treinamentos, estudos e vida pessoal. Aspectos que marginalizavam a natação frente à família, ao clube de treinamento, à mídia e outros.

“Tinha mais meninos do que meninas nadando. Mulher nadando não era bem vista. Os pais dificultavam. Não fui proibida, mas facilitada também não. Eu treinava escondida. Viajar era muito difícil, para eu ir para aos Jogos Estudantis Brasileiros um parente precisou negociar com meu pai. E na outra vez ele não me deixou ir (Zulma)”

“A mulher que fazia esporte na época era considerado mulher macho, sapatão porque ficava atlética, os músculos cresciam. Na época as meninas faziam muito balé e yoga, tinha muito yoga na época. Natação era um absurdo!!! (Alexandra)”

No que se refere ao apoio dos próprios clubes em que as nadadoras defendiam, as mesmas mencionavam o pouco destaque dado à natação.

“O clube também não priorizava a natação, mesmo defendendo o clube não dava muita atenção à natação. Começou a focar mais quando o jôquei teve a fase ária do basquete, um dos melhores basquetes que o Brasil teve estava aqui no jôquei, ai a natação pegou carona. Sobretudo quando ganhava um campeonato (Zulma)”



Quanto ao apoio da imprensa às atletas narraram que esta também marginalizava a natação. No Jóquei, por exemplo, era editado o jornal “O Aristocrático”, e no Jaó “O Sol” estes dois jornais davam mais ênfase a outros esportes, como o futebol. A natação era mencionada somente quando havia resultados significativos.

“Os jornais não citavam nada da natação, como é até hoje você pode prestar atenção, esporte é futebol. A minha vida era nada e eu não podia fazer aquilo, eu não tinha pra onde expandir eu não tina espaço (Alexandra)”

Além da falta de apoio a natação tinha problemas quanto à infraestrutura, adjetivada como muito precária pelas atletas. Goiânia tinha algumas piscinas, como a do Clube Recreativo Cruzeiro do Sul, Jaó e Jóquei. Entretanto, nenhuma era Olímpica. Diante disso, muitos atletas treinavam nos finais de semanas no Minas tênis Clube de Brasília.

“Aqui em Goiânia tinha várias Piscinas, mas nenhuma olímpica eu ia todo final de semana para o Minas tênis (Brasília) treinar. Agente pegava o ônibus toda sexta feira e voltava no domingo a noite. Para poder ter a oportunidade de treinar em uma piscina olímpica, porque aqui não existia. ... agente ia em turma, agente chegava sexta feira a tarde, treinava sexta, sábado e domingo. Para ter pratica, conhecimento e intimidade com a piscina olímpica (Alexandra)”

“Como em Goiânia não tinha piscina olímpica, nos tínhamos um grupo de atletas que ia todos os finais de semana no Minas Tênis de Brasília para treinar (Zulma)”

Além disso, os materiais utilizados para o treinamento eram também precários e improvisados, como o uso de câmara de ar de pneu para o treinamento isolado de braços, devido a falta de flutuadores

“Agente não nadava com flutuador, mas com câmara de ar... Agente cortava a câmara de ar com a tesoura. Fazia um oito no pé. Para nadar só com os braços. Eu tinha um monte dentro da sacola (Alexandra). Naquela época usava-se câmara de ar par imobilizava as pernas e fazer só braço. Eu até lesionei meu pé com isso (Zulma).”

O pouco conhecimento científico sobre treinamento era outro problema do cenário da natação goiana. As atletas mencionaram que o treinamento era empírico não havia diferenças entre na organização do treinamento para provas de resistência e provas de velocidade. Treinava-se muito, e se tinha poucos resultados significativos proporcionais aos esforços. Alexandra relatou que nadava cerca de 10mil metros por dia, totalizando cinco horas de treino subdividos em manhã e noite. Zulma também afirmou que treinava cinco horas por dia, subdivido em dois treinos, um de madrugada e outro a tarde.



Quanto aos principais professores e técnicos da década de 1970, a maioria não tinha formação especializada para atuarem na área. Alexandra e Zulma citaram o nome do professor Zé Trombada, que segundo Alexandra “ele era do trânsito, mexia com acidente de carro e nas horas vagas ele dava treino”.

Outro professor mencionado pelas atletas foi Moacir Cícero de Sá um dos pioneiros a ensinar a natação em Goiânia. Conforme expos Zulma “o professor Moacir era dentista e dava aula no jôquei, tinha uma turma de madrugada e outra no final da tarde”.

Outro nome mencionado foi do professor Sancler Oliveira Lemos ex- atleta do Clube Pinheiros em São Paulo, que trouxe segundo Alexandra um pouco mais de conhecimento e inovação para a natação goieniense.

E por último, as atletas foram entrevistadas sobre os maiôs. Os maiôs foram objetos de investigação por revelarem as tradições e costumes de determinada época, assim como por serem elementos de afetividade e memória, ou seja, os maiôs ajudam a compor a história tanto individual como coletiva.

Tanto Alexandra, quanto Zulma relatou que os maiôs tinham falta de elasticidade e eram desconfortáveis, e destacaram a elanca e o nylon como principais tecidos.

“Os maiôs melhoraram em 74, melhoraram mesmo assim não tinham muita elasticidade e cava Por causa da movimentação do braço machucava aqui, machucava em cima (mostrou na altura do ombro) (Alexandra)”.

“Os maiôs eram pesados, modelagem ruim e machucavam demais, assolava demais a pele, (principalmente a frente na altura da alça do soutien) justamente pelo tecido não ser maleável (Zulma)”.

Quanto à modelagem e a diversificação de cores Zulma afirmou que “A modelagem era muito feia. Era assim bem para baixo o maiô... quanto a cor a opção era preta, quando saía um colorido era novidade... listras, colorido era tudo novidade!”. A foto 1 é da atleta Zulma, com um maiô de cor neutra e corte simples, usado em especial nos treinamentos. Zulma relatou que o molde nas costas (na altura da escápula) é igual ao da parte da frente (altura dos seios), ou seja, em formato de U.



Foto 1: Arquivo pessoal de Zulma Ayres. Eseffego década de 70

A foto 2 é dividida em duas imagens, apresenta, à esquerda, Alexandra Maia em seu primeiro maiô de natação no início da década de 1970, que na verdade era um maiô de banho adaptado para o uso da prática da natação. A imagem à direita mostra o primeiro maiô em que competiu de cor preta e com pouca cava.

“Os maiôs duravam muito, não tinham muita elasticidade, bem grudadinho no corpo e não tinha cava” olha o meu primeiro maiô de natação (apontando para a foto). “Para competir os maiôs de cor única, no máximo uma listra lateral (Alexandra)”



Foto 2:arquivo pessoal de Alexandra Maia, 1970 e 1971 respectivamente

Já em meados da década de 70, os maiôs ficam mais coloridos por influência do nadador americano Mark Spitz, campeão em 8 provas na Olimpíadas de Munique



de 1972 que nadou com uma sunga estampada com a bandeira americana. Alexandra afirmou que a “maioria dos nadadores usavam maiôs e sungas com a bandeira americana, era moda na época”. Já Zulma não teve maiôs estampados com a bandeira americana, mas brasileira. “Este aqui eu comprei (mostrando a foto 3) no Rio Grande do Sul em uma competição. É da Speedo. O padrão era preto. Mas em meados da década de 70 começou a introduzir os coloridos e listrados”.

Na foto 3 as duas atletas usam modelos de maiôs coloridos. Alexandra Maia usa um maiô com estampa de desenhos de ondas, com cores da bandeira americana, sendo as costas em formato de U. Alexandra afirmou que havia várias cores neste modelo, mas a estampa era a mesma. Já Zulma usa um maiô estampado com a bandeira brasileira.




Foto 3: primeira imagem de Alexandra Maia, Jornal Sol do clube Jaó, 1974). Segunda imagem, arquivo pessoal da atleta Zulma, na piscina da Escola Superior de Educação Física, 1976

Segundo as atletas tanto os maiôs quanto as toucas eram compradas por elas mesmas nas competições que participavam, em especial nos JEBs.

“Comprar- agente comprava fora, nas competições sempre tem estas banquinhas, quiosques, ou então agente saia de turma e comprava na loja. A minha mãe não comprava não. Quem comprava era eu. (Alexandra)”.

Outro acessório importante que compõe o visual do nadador na década de 1970 é a touca, com tiras de queixo, feita de um material emborrachado e disponíveis nas cores, azul, rosa e branco.

“Quando agente era adolescente foi que surgiu a moda desta toca (13, 14 anos) agente foi para Campinas em um JEBs, (76/77) ai nos fomos na Mesbla em Campina, pois não tinha Mesbla em Goiânia. Mas se voltasse para Goiânia



sem esta toca era a morte. E só usava a toca na competição com medo dela acabar e gastar tudo. Então, quando agente ia para a competição agente ia toda chique, com a toca amarrada aqui Quando o Juiz liberava a prova... Ai agente amarrava a toca, punha o óculo e eu me sentia a própria, encarnava o espírito da nadadora (Alexandra)”.

“Eu aderir a moda da touca, eu tinha uma. É esta daqui da foto, só que eu cortei as tiras (Zulma)”.

3 Considerações Finais

Na década de 70, na cidade de Goiânia, a natação ainda era um espaço essencialmente masculino. As atletas que insistiram em praticá-la foram protagonistas na busca inserção da mulher neste esporte, rompendo com preconceitos, mitos e proibições.

Alexandra Maia e Zulma Batata foram duas atletas pioneiras na natação goianiense que buscaram dar visibilidade a esta modalidade, em um período marcado por conflitos de gênero, tensões, resistências, falta de estrutura, materiais, conhecimento científico e incentivo por parte dos pais, clubes e mídia e trajes desconfortáveis.

Pretende-se que este trabalho possa contribuir para elaboração de novos estudos com esta temática e assim desenvolver o campo da investigação da memória do esporte na cidade de Goiânia, um campo ainda a ser explorado.

283

Referências Bibliográficas

ARANTES, A. A. **Produzindo o Passado**, São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, G. G. **As duas visões de uma nadadora**. Brasil em Londres 25/10/2008. Disponível em: <<http://brasilemlondres2012.blogspot.com.br/2008/10/as-duas-vises-de-uma-nadadora.html>> Acesso em 10/04/2005.

DEVIDE, F. P. **História das mulheres na natação brasileira no século XX**: Das adequações às resistências sociais. Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho como Requisito Parcial à Obtenção do Título de Doutor em Educação Física, 2003.

MELO, V.A. **Cidade Sportiva**: Primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

NETO, S.L. Especialistas defendem corpo `masculino` de nadadoras. **Jornal online Unisanta**. 19/08/2008 Disponível em: <http://www.online.unisanta.br/2008/08-23/esportes-1.htm>>. Acesso em. 10/04/2005



Minicurrículos

Rosângela é professora de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Goiânia-GO e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (1999) e Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (2004)

Rita é professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás atuando no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e no Bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (desde 2006). No último ano realizou estágio de pós-doutoramento no Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC/UFRJ com o tema *Indumentária em museus no Brasil*, resultando no primeiro levantamento de dados e análise crítica sobre coleções deste tipo e sua patrimonialização no país. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Mestre em História de Têxteis e Indumentária/ Universidade de Southampton, Inglaterra (2000). cursou Museologia (lato sensu) pelo Instituto de Museologia de São Paulo - FESP (1996). Bacharel em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, SP (1995). Membro do Conselho Editorial da revista *Dobras* (desde 2007) e pesquisadora convidada dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudo e Pesquisa Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER/UFG); Núcleo Interdisciplinar de Estudo da Imagem e do Objeto (NIO/UFRJ); Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais (ETHOS/UFRJ). Principais temas de pesquisa são: indumentária e tecidos (especialmente no Brasil e América Latina), sua história, patrimonialização e inserção na cultura contemporânea.